

SECRETÁRIO-GERAL

--

DISCURSO À ASSEMBLEIA GERAL **Nova York, 28 de setembro 2015**

[Versão em português]

A 70ª sessão da Assembleia Geral abriu com uma conquista de imensa importância: a adoção da Agenda 2030, incluindo os 17 inspiradores Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODSs.

Nossa meta é clara. Nossa missão é possível. E podemos ver nosso destino: o fim da pobreza extrema em 2030; uma vida de paz e dignidade para todos.

O que conta agora é transformar as promessas do papel em mudanças concretas no solo. Devemos isto e muito mais aos vulneráveis, oprimidos, deslocados e esquecidos povos do nosso mundo. Devemos isto ao um mundo onde a desigualdade está crescendo, a confiança está desaparecendo, a impaciência com a liderança pode ser vista e sentida em todas as partes. Devemos isto às “gerações vindouras usando as memoráveis palavras da Carta.

Neste ano em que marcamos o 70º aniversário das Nações Unidas, devemos atender ao apelo da Carta e escutar as vozes de “Nós os Povos”. Dessa forma poderemos superar as duras realidades do presente – e aferrar-nos as excelentes oportunidades de nossa era.

Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio transformaram em passado a pobreza de centenas de milhares de pessoas. Agora estamos prontos para continuar o trabalho buscando atingir níveis mais altos, amplos e profundos.

A nova estrutura não apenas acrescenta objetivos. Ela interliga os objetivos com os direitos humanos, as leis e o empoderamento das mulheres como sendo partes cruciais de um todo integrado.

Os objetivos globais são universais.

Vocês, os líderes do mundo, se comprometeram em não deixar ninguém de fora - e a atingir primeiro aqueles que estão mais atrás. Podemos, com esse mesmo propósito, em dezembro próximo em Paris chegar a um acordo robusto sobre mudanças climáticas.

Mudanças remarcáveis estão em processo para reduzir as nocivas emissões de gases do efeito estufa. Tenho visitado vastas instalações de energia solar que estão trazendo à realidade um novo futuro energético. Existe vento nas velas das ações climáticas.

Ainda assim, está claro que as metas nacionais submetidas pelos Estados-membros não serão suficientes. Estamos diante de uma escolha: ou aumentamos nossa ambição – ou arriscamos aumentar as temperaturas acima do limite de 2 graus Celsius, que os cientistas nos dizem para não ultrapassar.

Alcançar os nossos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável significa organizar-nos melhor. Que não haja mais paredes ou caixas; que não haja mais ministérios ou agências trabalhando com objetivos opostos. Vamos deixar os silos e adotar a sinergia, com base nos dados, em planejamento a longo prazo e num desejo de fazer as coisas de forma diferente.

O financiamento será um desafio.

Dou boas vindas à Agenda de Ação de Adis Abeba e a renovada promessa dos países desenvolvidos em investir 0,7%o da renda interna bruta em Assistência Oficial ao Desenvolvimento. Mas poucos países atingiram essa meta. Saúdo aqueles que conseguiram e apelo veementemente a outros que sigam este exemplo.

O financiamento climático será crucial. Recomendo fortemente aos países desenvolvidos a alcançarem a meta acordada de 100 bilhões de dólares por ano em 2020. Devemos também colocar em andamento o Fundo Climático Verde.

O mundo continua desperdiçando trilhões em gastos militares desnecessários. Por que é mais fácil achar o dinheiro que mata pessoas e destrói o planeta do que o dinheiro que o protege?

As gerações sucessoras dependem de nós para finalmente acertar nossas prioridades. O sofrimento nos dias de hoje está num nível não visto há uma geração. Cem milhões de pessoas necessitam de assistência humanitária imediata. Pelo menos 60 milhões de pessoas foram forçadas a deixar seus lares e seus países. As Nações Unidas solicitaram cerca de 20 bilhões de dólares para atender as necessidades deste ano – seis vezes mais do que uma década atrás. Agências humanitárias da ONU e seus parceiros estão enfrentando bravamente condições difíceis para chegar às pessoas. Os Estados-membros têm sido generosos, mas as demandas continuam superiores aos fundos doados.

A Cúpula Humanitária Mundial em maio de 2016, em Istambul, será um momento crítico para reafirmar a solidariedade e explorar a melhor forma de desenvolver resiliência e lidar com as emergências.

Mas o sistema global humanitário não está danificado; está falido. Não estamos recebendo suficientes fundos para salvar suficientes vidas. Temos cerca de metade do que precisamos para os povos do Iraque, Sudão do Sul e Iêmen – e um terço para Síria. Nosso plano resposta para a Ucrânia está apenas 39% financiado. E o apelo para Gâmbia, onde uma em quatro crianças sofre de retardo no crescimento causado por desnutrição, foi respondido com silêncio. Números tão baixos elevam o sofrimento a níveis mais altos.

As pessoas necessitam de assistência emergencial, mas o que elas querem mais ainda são soluções duráveis. Elas podem valorizar uma tenda, mas elas desejam ir para casa. Nossa meta não é apenas manter as pessoas vivas, mas dar-lhes uma vida – uma vida decente.

O Líbano, a Jordânia e a Turquia estão generosamente hospedando milhares de refugiados sírios e iraquianos. Países do mundo em desenvolvimento continuam hospedando e a recebendo um grande número de refugiados, apesar de seus limitados recursos próprios.

As pessoas estão em movimento como nunca estiveram antes, nas Américas, na região do Sahel, no Mediterrâneo e no Mar de Andaman.

Essas correntes migratórias suscitam questões complexas e despertam fortes paixões. Alguns critérios devem guiar a nossa resposta: leis internacionais, direitos humanos, compaixão.

Todos os países precisam fazer mais para assumir suas responsabilidades.

Parabenizo aqueles na Europa que estão endossando os valores da União e oferecendo asilo. Ao mesmo tempo, recomendo fortemente a Europa a fazer mais. Depois da Segunda Guerra Mundial, foram os europeus que buscaram a assistência do mundo.

Vou convocar um encontro de alto-nível em 30 de setembro, depois de amanhã, com o objetivo de promover uma abordagem abrangente à crise migratória e de refugiados.

Devemos reprimir os traficantes e discutir as pressões enfrentadas pelos países de destino.

Devemos combater a discriminação. No século 21, não deveríamos estar construindo cercas ou muralhas. Mas acima de tudo, devemos olhar para a raiz das causas nos países de origem.

Os sírios estão deixando seus países e suas casas por causa da opressão, do extremismo, da destruição e do medo. Quatro anos de paralisia diplomática por parte do Conselho de Segurança e outros permitiram que a crise ficasse fora de controle. A responsabilidade para terminar o conflito recai primeiramente e acima de tudo nas partes em guerra na Síria. São eles os que estão transformando seu país em ruínas.

Mas não é suficiente procurar uma solução somente dentro da Síria. A batalha está também sendo travada por poderes e rivalidades regionais. Armas e dinheiro trazidos para dentro do país estão alimentando o fogo.

Meu enviado especial está fazendo tudo o possível para estabelecer a base para um acordo pacífico. Agora é o momento para que os outros, principalmente o Conselho de Segurança e outros atores regionais, deem um passo a frente.

Cinco países em particular têm a chave: a Federação Russa, Estados Unidos, Arábia Saudita, Iran e Turquia. Mas enquanto um lado não se comprometer com o outro, é inútil esperar uma mudança concreta no terreno.

Sírios inocentes pagam o preço das bombas e do terrorismo. Não deve haver impunidade para crimes atrozes. Nosso comprometimento com a justiça deve nos levar a encaminhar a situação ao Tribunal Penal Internacional.

No Iêmen, 21 milhões de pessoas – 80% da população – necessitam de assistência humanitária. Todos os lados estão demonstrando indiferença pela vida humana – mas a maior parte das vítimas resulta de ataques aéreos. Apelo pelo fim dos bombardeios, que também estão destruindo as cidades, a infraestrutura e a herança do Iêmen.

Aqui também as batalhas dos outros estão conduzindo a luta. Mais uma vez apelo com veemência às partes que voltem à mesa, negociem com boa fé e resolvam essa crise através do diálogo facilitado pelo meu enviado especial. Deixem-me ser claro: Não existe solução militar para esse conflito.

Devemos também estar atentos com o processo de paz do Oriente Médio. Com a expansão dos assentamentos e o aumento dos estímulos e das provocações, é essencial que os israelenses e os palestinos se re-engajem – e que a comunidade internacional pressione as partes a fazerem isso. O mundo não pode mais esperar que os líderes finalmente escolham o caminho para a paz.

Da'esh, Boko Haram e Al-Shabab permanecem sendo grandes ameaças, especialmente a mulheres e meninas que se tornaram alvos e foram sistematicamente atacadas. O mundo deve se unir contra a flagrante brutalidade desses grupos. Devemos também conter a exclusão e a falta de esperança que alimentam os extremistas. Além disso, os estados não devem nunca violar os direitos humanos na luta contra o terror; esses abusos somente perpetuam o ciclo. No início do próximo ano, apresentarei à Assembleia Geral um plano de ação abrangente para conter o terrorismo e o extremismo violento.

Parabenizo o marco do acordo nuclear entre a República Islâmica do Irã e os países P5+1. Diálogo e paciente diplomacia geram dividendos. Espero que o espírito de solidariedade entre os membros permanentes do Conselho de Segurança possa ser demonstrado em outras áreas de conflito, como a Síria, Iêmen e Ucrânia.

Vamos construir com base nos recentes acordos no Sudão do Sul, finalizar o acordo com a Líbia e poupar esses países de mais sofrimento.

Agora é a hora para um diálogo renovado para tratar da tensão contínua na Península coreana.

Apelo às partes que se abstenham de tomar qualquer ação que possa aumentar a desconfiança e recomendo fortemente que, em contrapartida, promovam a reconciliação e esforços para que a península se torne pacífica e desnuclearizada. Estou pronto para apoiar uma cooperação inter-coreana. Também precisamos intensificar nosso trabalho pelo bem estar dos povos da República Popular Democrática da Coreia.

Estou profundamente perturbado pelas crescentes restrições à liberdade de imprensa e à sociedade civil em todo o mundo. Não é um crime jornalistas, defensores dos direitos humanos e outros exercerem seus direitos básicos. Devemos preservar o espaço para que a sociedade civil e a imprensa realizem seu vital trabalho, sem medo de serem atacados ou presos.

A deterioração da democracia é uma ameaça em muitos lugares, onde os líderes buscam permanecer nos seus cargos além dos limites dos seus mandatos. Vemos protestos organizados e petições sendo arquitetadas de forma que pareçam desejos espontâneos do povo. Essas manifestações arquitetadas apenas criam as bases para a instabilidade. Apelo veemente aos líderes que atuem dentro dos limites de suas constituições e de acordo com os seus termos.

Estas crises em conjunto levaram ao limite nossos instrumentos para resolução de conflitos e resposta humanitária. No início deste mês, apresentei minha visão para fortalecer as operações de paz da ONU, com base nas recomendações de um painel independente. Nossas missões de paz e missões políticas necessitam de melhorias em suas habilidades e de objetivos claros. Precisamos de um compromisso renovado de prevenção, parcerias regionais fortes, e um engajamento sustentável para construção da paz. E devemos deixar aflorar o potencial das mulheres para promover a paz, conforme previsto na resolução 1325 do Conselho de Segurança. Espero que a Assembleia Geral adote medidas imediatas como um sinal do seu comprometimento para esse

esforço. Os povos de hoje e suas sucessivas gerações necessitam que exploremos ao máximo essa rara oportunidade para um progresso amplo e abrangente.

Fundada num mundo fragmentado, as Nações Unidas trouxeram esperança de que a ação conjunta pode evitar outra catástrofe global. Nos últimos 70 anos, ajudamos a liberar milhões de pessoas do colonialismo e apoiamos a vitoriosa batalha contra o apartheid. Combatemos doenças mortais, defendemos direitos humanos e aprofundamos o Estado de Direito.

Fizemos isto e muito mais – mas ainda está longe de ser o suficiente.

Estamos atravessando um período de severos testes – mas também de grandes oportunidades.

Hoje, estamos mais conectados do que nunca, mais informados do que nunca e temos os melhores instrumentos já utilizados. As receitas para uma mudança positiva estão na mesa; os ingredientes para o sucesso estão em nossas mãos.

Continuamos com a reforma das Nações Unidas – embora saibamos que precisamos fazer muito mais, tanto gerencial quanto politicamente. Podemos tirar força do empoderamento das mulheres – mas ainda necessitamos melhorar a igualdade de gênero a caminho de um planeta 50/50. Estou inspirado pela juventude do mundo, que corresponde a metade da população mundial – e cujas vozes nós devemos integrar completamente nas tomadas de decisão em toda parte. E estou impressionado com a forma com nós, todos nós, conseguimos nos unir diante de causas vitais – como a Agenda de Desenvolvimento de 2030.

Um ano atrás, quando nos reunimos para o debate geral, a crise do Ebola na África Ocidental estava destruindo vidas diariamente. Famílias estava sendo devastadas. O medo prevalecia. As previsões sugeriam perdas assustadoras nos meses vindouros. Hoje, graças às ações coletivas das comunidades e dos governos em todo o mundo, os casos de Ebola declinaram dramaticamente. O surto não foi superado, e devemos nos manter vigilantes. Mas a resposta está funcionando, com lições que apontam para um futuro mais seguro para todos. Quando ficamos juntos, não há limites para o que podemos alcançar.

Há três dias, jovens de muitas nações ficaram juntos na varanda deste Hall. Eles pediram apenas uma coisa acima de tudo: mudança. Não há nada que possamos dizer aos jovens do mundo que os convença de que o mundo precisa ser do jeito que ele é. Isso significa que devemos fazer tudo que podemos para estreitar a brecha entre o que o mundo é e o que ele deveria ser. Essa é a missão das Nações Unidas.

Vamos trabalhar juntos para tornar este mundo melhor para todos, onde todos possam viver com dignidade e prosperidade.

Eu os agradeço pela sua liderança.